Opinião Liberal

A Igreja deve falar do demônio

Por Cardeal Georges Cottier, O.P.

A Igreja deve falar do demônio. Pecando, o anjo decaído não perdeu todo o poder que tinha, segundo o plano de Deus, no governo do mundo. Agora utiliza este poder para o mal. O Evangelho de João o chama: "o príncipe deste mundo" (Jo 12, 31) e na primeira carta também de João se lê: "O mundo inteiro está sob o poder do Maligno" (1 Jo 5, 19). Paulo fala de nossa batalha contra as potências espirituais (CF. Ef. 6, 10-17). Podemos também nos remeter ao Apocalipse.

Temos que combater as forças do mal não só humanas, mas também sobre-humanas em sua origem e inspiração: basta pensar em Auschwitz, nos massacres de povos inteiros, em todos os horrendos crimes que se cometem, nos escândalos dos que são vítimas os pequenos e os inocentes, no êxito das ideologias de morte, etc.

É oportuno recordar alguns princípios. O mal do pecado é realizado por uma vontade livre. Só Deus pode penetrar no profundo do coração da pessoa; o demônio não tem o poder de entrar neste sacrário. Atua somente no exterior, sobre a imaginação e sobre os afetos de raiz sensível. Ademais, sua ação está limitada pela permissão de Deus onipotente.

O diabo atua geralmente através da tentação e do engano, é mentiroso (Cf. Jo 8, 44). Pode enganar, induzir ao erro, iludir e, provavelmente mais que suscitar, pode secundar os vícios e os germens de vícios que estão em nós.

Nos Evangelhos sinóticos, a primeira aparição do demônio é a tentação no deserto, quando submete Jesus a várias incursões (Cf. Mt 4, 11 e Lc 4, 1-13). Este fato é de grande importância.

Jesus curava enfermidades e patologias. Referem-se no conjunto ao demônio, porque todas as desordens que afligem a humanidade são redutíveis ao pecado, do qual o demônio é o instigador. Entre os milagres de Jesus há libertações de possessões diabólicas, no sentido preciso.

O demônio é muito mais perigoso como tentador que através de sinais extraordinários ou manifestações exteriores assombrosas, porque o mal mais grave é o pecado. Não por acaso, na oração do Senhor pedimos: Não nos deixe cair em tentação. Contra o pecado o cristão pode lutar vitoriosamente com a oração, a prudência, na humildade, conhecendo a fragilidade da liberdade humana, com o recurso aos sacramentos, antes de tudo a Reconciliação e a Eucaristia. Deve também pedir ao Espírito Santo o dom de discernimento, sabendo que os dons do Espírito Santo se recebem com a graça do Batismo.

São Tomás e São João da Cruz afirmam que temos três tentadores: o demônio, o mundo (reconhecemos certamente em nossa sociedade) e nós mesmos, ou seja, o amor próprio. São João da Cruz diz que o tentador mais perigoso somos nós mesmos, porque nos enganamos sozinhos.

Frente ao engano, é desejável nos fiéis católicos um conhecimento cada vez mais profundo da doutrina cristã. Deve-se promover o apostolado pelo Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, de extraordinária utilidade para combater a ignorância. O demônio talvez é instigador desta ignorância: distrai o homem de Deus, e é uma grande perda que se pode conter promovendo um adequado apostolado nos meios de comunicação social, em particular televisivos, considerando a quantidade de tempo que muitas pessoas gastam acompanhando os programas de televisão, freqüentemente de conteúdos culturalmente inconsistentes ou imorais.

Também contra os homens de Igreja se desencadeia a ação do diabo: em 1972, o Sumo Pontífice Paulo VI falou dos «ares de Satanás introduzidos no templo de Deus», aludindo aos pecados dos cristãos, à desvalorização da moralidade dos costumes e às decadências (consideremos a história das Ordens e das Congregações religiosas, nas quais se tem notado sempre a exigência de reformas para reagir à decadência), ao ceder nas tentações na busca da carreira, de dinheiro e de riqueza, em que podem incorres os próprios membros do clero, cometendo pecados que provocam escândalo.

O exorcista pode ser um Bom Samaritano --mas não é o Bom Samaritano-- pois o pecado é uma realidade mais grave. Um pecador que permanece assentado em seu pecado é mais infeliz que um possuído. A conversão do coração é a mais bela vitória sobre a influência de Satanás, contra a qual o Sacramento da Reconciliação tem uma importância absolutamente central, porque no mistério da Redenção Deus nos libertou do pecado, e nos presenteia, quando caímos, o reencontro de Sua amizade.

Os Sacramentos têm na verdade uma prioridade sobre os sacramentais, categoria na qual se incluem os exorcismos, que são pedidos pela Igreja, mas em ordem não prioritária. Se não se considera esta característica, subsiste o risco de turbar os fiéis. Não se pode considerar o exorcismo como a única defesa contra a ação do demônio, mas como um meio espiritual necessário em que se contatou a existência de casos específicos de possessão diabólica.

Parece que os possuídos são mais numerosos nos países pagãos, onde o Evangelho não foi difundido e onde estão mais estendidas as práticas mágicas. Em outros lugares, um elemento cultural perdura ali onde os cristãos conservam uma tendência indulgente com respeito a antigas formas de superstição. Ademais, há que considerar que supostos casos de possessão podem ser explicados pela medicina atual e a psiquiatria, e que a solução para determinados fenômenos pode consistir em um bom tratamento psiquiátrico. Quando se manifesta na prática um caso difícil, é necessário pôr-se em contato com um psicólogo e um exorcista; é aconselhável valer-se de psiquiatras de formação católica.

No Ateneu Pontifício Regina Apostolorum instituiu-se recentemente um curso sobre estas temáticas. Sobre elas parece oportuna uma formação adequada nos seminários, em uma dimensão de equilíbrio e sabedoria, evitando excessos e constrições.